

O CLARIM DA ALVORADA: IMPRENSA, ETNIA E EDUCAÇÃO (SÃO PAULO, 1924-1940).

Pedro de Souza Santos - USF

Maria Ângela Borges Salvadori – USF

4 – Gênero e etnia na história da educação brasileira.

Este trabalho tem como proposta identificar e analisar os significados atribuídos à educação em diferentes matérias veiculadas pelo jornal “O Clarim da Alvorada”, bem como problematizar as diversas ações relacionadas ao seu incentivo por parte daqueles que nele escreviam. Nessa perspectiva, busca-se cotejar os sentidos aludidos à educação naquele período na sociedade paulista em geral e entre a população negra em particular.

Com base nos pressupostos da história social, pretende-se identificar outras ações voltadas para educação da população negra, diferentes daquelas comumente apontadas em alguns estudos relativos à história da educação no Brasil. Entende-se, aqui, que as ações e idéias veiculadas por este jornal da imprensa negra integravam um quadro de possibilidades de luta pela inserção social dos negros e pela constituição de uma instrução não escolarizada da população negra em São Paulo.

No trabalho de análise e comparação das fontes, bem como no estudo de novas referências, são constatadas algumas divergências com relação ao período de abrangência deste periódico. Neste sentido, “O Clarim da Alvorada” apresentou a seguinte trajetória: a sua fundação ocorreu em 06 de janeiro de 1924, como afirmou Jayme de Aguiar em depoimento gravado por Clóvis Moura em 1975:

[...]. Modéstia à parte, eu e o Correia Leite, a 6 de janeiro de 1924, fundamos o Clarim.

O Clarim, em primeiro lugar, chamava-se simplesmente O Clarim. Mas, existia, como existe ainda hoje em Matão, O Clarim, o grande jornal espírita. A redação de O Clarim era na minha casa, na rua Ruy Barbosa. Nós publicávamos o jornal com o pseudônimo : Jim de Araguay e Leite. Foi uma espécie de hieróglifo que formamos para não aparecermos como jornalistas. (apud MOURA, 2002, p. 7)

Este periódico circulou com o nome de “O Clarim” até a sua edição de número 4, em 06 de abril de 1924. A partir da 5ª edição, datada de 13 de maio de 1924, teve acrescentado ao seu

título em letras menores “da Alvorada”. Somente na 12ª edição, o seu título apareceu de maneira uniforme, O “Clarim da Alvorada”.

O período que vai da sua fundação até a edição de número 36, publicada em 15 de outubro de 1927, é considerado como uma primeira fase. Seu cabeçalho era “Orgam literario, noticioso e humoristico” e os diretores apareciam com pseudônimos¹. Nas edições publicadas no mês de maio, na sua primeira fase o seu cabeçalho era alterado para, “Orgam literario, noticioso pelos interesses dos homens de côr, de São Paulo”, e os seus diretores utilizavam-se do próprio nome em substituição aos pseudônimos normalmente utilizados nas demais edições. Nestas edições, em geral eram escritos artigos que, tinham como foco a abolição da escravidão e os seus desdobramentos para a população negra:

Hoje, 13 de maio! Data que em sendo triste, canta, em sendo alegre chora.
Data em que foram despedaçados os grilhões de ferro que nos escravizavam,
em que cessaram de estalar os chicotes infames, em que os olhos
lacrimejantes de nossas mães, brilharam n’um lampejo de esperança, data em
que afinal estavam terminadas as bases para o progresso do Brasil!
(BOOKER, “O Clarim da Alvorada”, 13 de maio de 1926, p. 3)

Em 05 de fevereiro de 1928 teve início a segunda fase deste jornal e, naquela ocasião, seu cabeçalho foi alterado para “Pelo interesse dos homens pretos noticioso, literario e de combate”. Nesta nova fase outras pessoas passaram a compor a administração deste jornal e a sua organização passou a ser a seguinte: Redator principal, Jayme de Aguiar; Redator secretário, José Correia Leite; Gerente, Luiz de Souza; Diretores, Urcino dos Santos e João Soter da Silva. Daí até a sua edição 42, de 13 de maio de 1933, ocorreram algumas mudanças na sua organização, no seu cabeçalho, na sua diagramação, nos seus membros e endereço.

A seguir estão relacionadas algumas informações sobre o período de circulação deste jornal:

[...]. Já tenho o título do jornal. Vai se chamar “O Clarim”. [...].
Aí, um dia, apareceu na redação do “O Clarim um cidadão alegando ser
proprietário do título. Ele tinha um jornal com o nome “O Clarim”, mas era
um jornal de picaretagem e de cavação, e nós não queríamos nos envolver
com ele, apesar dele ser mestiço. E começamos a pensar como fazer. Nós
pensamos em “O Clarim da Vitória” ou “O Clarim da Alvorada”. Mas aí, eu
disse: vitória do quê? Nós nem principiamos... E assim, “O Clarim da

¹ Jayme de Aguiar além do pseudônimo de Jim de Araguay, as vezes assinava como Maria Rosa ou Ana Maria.

Alvorada” surgiu como uma bandeira de luta e veio até 1932.” (apud. FERRARA, 1981, p. 54-55)

Neste depoimento, José Correia Leite declarou que este jornal teria sido publicado até 1932. Somente um ano depois no dia 13 de maio de 1933 foi publicada outra edição em comemoração a abolição da escravidão. Possivelmente ocorreu um lapso no depoimento² de Correia Leite ao mencionar o ano de 1932 e não o de 1933 como o do encerramento deste periódico. Não consta em seu depoimento e nem em muitos trabalhos³ sobre o tema, referências à terceira fase deste jornal que, teve início em 28 de setembro de 1940.

Não principiamos, continuamos...

Depois de um longo silêncio, o porta-voz que marcou uma época nas indagações históricas, nas afirmações dos direitos e em todos os anseios de conquistas dos homens negros, surge hoje, uma edição do “Clarim da Alvorada”. Isto prova que das cinzas de velhos ideais, ainda brilham as pequenas brasas da esperança. (LEITE, “O Clarim da Alvorada”, 28 de setembro de 1940, p.1)

Nesta terceira fase, foi publicada apenas a edição número um, possivelmente a intenção fosse a de continuar com a sua publicação algo que, acabou não acontecendo.

O catálogo “A Imprensa negra em São Paulo: 1918-1965”, editado pela Pinacoteca do Estado em 1977, traz outras informações a respeito da circulação deste jornal:

[...]. Há neste bloco de jornais, exemplos de 1918 (O Bandeirante), 1919 (A Liberdade), 1922 (O Kosmos), 1924 (Elite), 1924 (O Clarim da Alvorada, que depois, mantendo a mesma direção, mudou sucessivamente de nome para *Clarim* e *Alvorada*, durando até 1935), 1935 (Tribuna Negra), 1946 (Novo Horizonte), 1950 (Mundo Novo), 1958 (O Mutirão). (Pinacoteca do Estado, 1977, grifos nosso).

Este documento apresenta 1935 como o ano final da sua publicação o que, difere das datas levantadas anteriormente. Contudo, indicou algumas pistas que, ajudaram na confirmação de algumas hipóteses. “O Clarim” teve a sua primeira edição em fevereiro de 1935 e a última em maio do mesmo ano, totalizando quatro edições. Constatou-se que este

² Segundo Ferrara (1981, p. 19), as informações obtidas através de depoimentos, não ofereceram dados precisos e nem concordantes, devido ao distanciamento do tempo e a conseqüente falha de memória.

³ Dentre os trabalhos analisados sobre a imprensa negra em São Paulo que, tivemos acesso, somente o de Pinto (1993, p. 62) traz referências à terceira fase deste jornal.

periódico teve como principal redator Henrique Antunes Cunha que escreveu durante algum tempo artigos no jornal “O Clarim da Alvorada” exercendo, inclusive, a função de diretor secretário. Nele também constam artigos assinados por Jayme Aguiar e José Correia Leite.

O jornal “Alvorada” teve a sua primeira edição em setembro de 1945, em comemoração a lei do Ventre Livre; foram publicadas trinta e três edições até junho de 1948. Constava como diretor desta folha José Correia Leite, um dos fundadores de “O Clarim da Alvorada”.

Devido a divergências ocorridas na Frente Negra Brasileira, José Correia Leite, um dos seus fundadores, se afastou desta organização, fato que muito provavelmente contribuiu para uma divisão no grupo que dirigia “O Clarim da Alvorada”. Nesse sentido, os jornais “O Clarim” e o “Alvorada”, foram possivelmente em momentos distintos a seqüência deste jornal.

Feita estas correções, o período aqui focado será de 1924 a 1933 que, correspondeu a primeira e segunda fase de “O Clarim da Alvorada” e 1940, ano de publicação do primeiro número da sua terceira fase.

Jayme de Aguiar, considerado por Correia Leite o mentor intelectual na fundação deste jornal, conta como surgiu está idéia:

[...]. Eu devo – abrindo um parêntese – de minha parte uma grande influência na fundação do jornal a um amigo já falecido, e que na época era estudante de direito: José de Molina Quartin Filho, que tinha o pseudônimo de Joaquim Três . Ele trabalhava em “O Correio Paulistano” e fazia crônica carnavalesca na época, juntamente com Menotti Del Pichia que, na época, fazia crônicas cõo o pseudônimo de Helius.

Eu e o Quartin trabalhávamos juntos numa mesma repartição, então ele me disse: - Jayme, os negros precisam ter outro meio de viver. Eu disse – compreendo. E por que você não faz um jornal? E foi assim que eu procurei o meu amigo José Correa Leite e nós começamos a fazer “O Clarim da Alvorada”. (apud MOURA, 2002, p. 7)

No período de fundação deste jornal, já circulavam em diversos pontos de São Paulo outros periódicos da imprensa negra. Esses jornais apresentavam algumas características comuns e objetivos muito próximos, contudo, não eram homogêneos⁴.

⁴ Pela leitura dos jornais, observa-se que, apresentavam características distintas como, por exemplo, os seus posicionamentos frente a algumas questões sociais. Em alguns casos, nota-se ambigüidades nas publicações de um mesmo jornal, o que tanto pode sinalizar para uma postura democrática dos grupos que dirigiam esses periódicos quanto indicar o quão heterogênea era a sua composição.

O fator econômico dificultava o acesso e a circulação deste - e de outros - jornais entre as camadas populares, embora, não os impedisse de modo definitivo. A esse respeito, Correia Leite, esclarece que “ninguém comprava e nós dávamos os jornais gratuitamente. Pagávamos o papel com nosso dinheiro e sempre tínhamos prejuízo”. (apud FERRARA, 1981, p. 50).

As matérias, em geral, não estavam ordenadas em uma seqüência; antes, encontravam-se dispostas arbitrariamente pelas páginas e, ao que parece, a preocupação dos redatores era a de ocupar todos os espaços do jornal. Os anúncios eram colocados geralmente na última página e provavelmente, era uma das maneiras para obtenção de recursos financeiros para auxiliar na sobrevivência deste jornal.

Em muitos artigos deste jornal, a educação é apresentada como o caminho para a ascensão social dos negros. Comumente eram invocados os exemplos de Luiz Gama, José do Patrocínio, Cruz e Souza, dentre outros, como símbolo da importância da educação:

Educação

Educação corresponde a um conjunto de princípios de ordem social em que impera a delicadeza, a gentileza e a civilidade.

Educação é pois, o conhecimento e prática dos usos da boa sociedade.

Posto isso julgamos que o maior trabalho a fazer-se é inspirar as mães uma educação muito particular aos filhos.

Que ellas lhe inculquem desde a tenra idade o respeito aos superiores, a cortesia aos iguaes e a civilidade aos inferiores. (COSTA, “O Clarim da Alvorada”, 03 de junho de 1928, p. 4)

Observa-se nesta citação que Alcides Costa defendeu um conceito de educação que possivelmente refletia os seus anseios e de uma parcela da população negra naquele momento. Um conceito de educação vincado numa concepção de civilidade e moralidade que pretendiam incentivar. Segundo ele, a infância seria o momento ideal para tal educação: “Esta mais que provada a theoria de que é a infancia a época em que se formam os caracteres. É na infancia que se estabelecem as directrizes condutoras da vida futura os caminhos rectos ou veredas menos dignas!” (COSTA, “O Clarim da Alvorada”, 03 de junho de 1928, p. 4)

Nesse sentido, ele indica que um dos caminhos para esta educação seriam os exemplos de vida. Para tanto recomenda aos leitores que, “é preciso não esquecermos de que o exemplo é a melhor arma de ensino aos pequenos.” (COSTA, “O Clarim da Alvorada”, 28 de setembro de 1928, p.4). E alerta que “o exemplo dos Paes é a maior força que affecta o espirito da

criança. Seja um pae bêbado, tenha uma mãe uma vida suja e, vede que são os filhos!” (COSTA, “O Clarim da Alvorada”, 03 de junho de 1928, p.4)

Alcides Costa inaugurou neste jornal, em maio de 1928, a coluna “Educação” pretendendo que ela fosse publicada regularmente nos demais números; no entanto, a coluna apareceu em apenas duas edições. Não foi possível identificar a causa para sua não continuidade, mas considera-se a hipótese de que havia divergências na concepção de educação proposta por este autor e aquela defendida pelo jornal.

Nessa perspectiva, havia ainda uma outra interpretação por parte de algumas pessoas que escreviam no “O Clarim da Alvorada” a respeito da não escolarização de muitos negros:

Escolas ha em todos os bairros noturnas, diurnas, gratuitas mantidas pelo nosso governo por associações diversas, alumnos ha de todas as nacionalidades, mas de côr, não sei qual a razão de se contar as dezenas.

Possuimos associações nossas que para facilitar crearam cursos elemetares para os filhos dos seus associados e de todos que desejassem receber os primeiros conhecimentos de instrução porém os seus esforços fracassaram ante o grande esmorecimento a falta de alumnos freqüentes. (“O Clarim da Alvorada”, 24 de novembro de 1926, p. 2)

Diferente de outros artigos, neste o autor descreve as muitas opções para que os negros conseguissem estudar e se mostra surpreso diante da não freqüência dos negros às escolas. Ao mesmo tempo, fala do empenho dos alunos de outras nacionalidades em estudar. Para além da crítica ao que ele denominou de *grande esmorecimento*, a construção da sua argumentação pode ser compreendida como um outro caminho na valorização da educação.

Em outro artigo publicado, observa-se o uso de uma nova argumentação:

Instrução

A instrução é a cultura do nosso espirito quando intelectual e material quando procuramos aprender uma disciplina que nos auxilie, materialmente como sejam as varias profissões.

[...]

Também o adulto vae a escola. A escola é o recinto sagrado onde vamos em comunhão buscar as sciencias, artes, musica, etc. É na escola que encontramos os meios precisos para nos fazer entendidos pelos nossos irmãos.

[...].

Oh Paes! Mandaes vossos filhos ao templo da instrucção intellectual – a escola – não os deixeis analphabetos como dantes!

Hoje temos tudo, aproveitae as horas nocturnas si os trabalhos vos impedem. Ides a escola! Aproveitae o precioso tempo para engrandecer a nossa raça e o nosso querido Brasil! (“O Clarim”, 03 de fevereiro de 1924, p. 2)

Nesta matéria o autor fala dos benefícios materiais que podem ser conquistados através da educação, como uma profissão. Assim, a escola é alçada à condição de *sagrada* e a educação um veículo de ascensão social e de integração. No final ele conclama a todos para que aproveitem o seu tempo indo a escola, o que pode ser compreendido também como uma crítica a aqueles que utilizam o seu tempo de outras maneiras como, por exemplo, nos bares.

Além de artigos que se pautavam na valorização da educação enquanto meio de integração e ascensão social, o próprio jornal se caracterizando como pedagógico e instrutivo. Muitos foram os artigos que procuraram incentivar o negro a uma tomada de consciência considerada adequada. Nesse sentido, um dos objetivos do grupo que dirigia esta folha era o de incentivar a união dos negros para a conquista de seus ideais:

O verbo do preto

Diz o grammatico – o verbo é a alma da oração assim também é a situação da nossa classe e dos nossos dias.

Nada nos falta, possuímos uma mocidade cheia de vida; porem precisamos instruil-a mui bem, excellentes braços para labores varios, temos a liberdade de pensamentos, só nos falta para concluir o que até aqui fizemos uma verdadeira união.

Uma vez unidos poderemos marchar incontente, afim de conquistarmos outras tantas glorias para o melhor desempenho dos nossos ideaes! Então o nosso futuro será grande, constituiremos dessa forma não só uma oração; varias orações, enfim um periodo completo; muitas subordinadas hão de surgir e postas ao lado da subordinante representarão em conjunto tudo quanto até aqui temos apregoado com tanto intento! (LEITE, “O Clarim da Alvorada”, 07 de dezembro de 1924, p. 3)

Outros artigos procuram lembrar da contribuição dos negros na formação do Brasil. Assim, procuram (re) afirmar a sua brasilidade e o seu nacionalismo, o reconhecimento do seu trabalho para o desenvolvimento do país e do seu exemplo de luta:

O negro no Brasil não só devastou florestas; andou a cata do ouro e de outros mineraes, plantou os primeiros pés da rubeacea que nos deu toda riqueza,

tudo quanto temos, ele, além de ser um factor da formação da grandeza primitiva, - é o brasileiro que se não cansa de lutar com devotado amor, em todas as actividades humanas é o hercules das forças que se enquadram a engrandecer os incontáveis factores da nossa nacionalidade porque, é um brasileiro lutador e forte. (AGUIAR, “O Clarim da Alvorada”, 03 de junho de 1928, p. 1)

Este artigo foi publicado como parte das comemorações do 13 de maio que há pouco havia passado. Pode-se interpretar que Jayme de Aguiar, ao lembrar da importância do trabalho escravo para o crescimento da economia brasileira e da participação do negro no *engrandecimento* da nação, pretendeu dentre outras coisas reforçar no leitor uma ideia de nacionalidade que estava atrelada a sua luta cotidiana. De outra maneira, rememorar o passado escravista poderia contribuir para legitimação das ações dos negros na luta pela conquista da sua cidadania.

Neste sentido, “O Clarim da Alvorada” se apresentou como um veículo capaz de promover um trabalho de conscientização e de mobilização dos negros em direção à sua integração plena na sociedade:

[...] os negros precisam, necessitam urgentemente de um jornal. Só um jornal, porta-voz e tribuna de boas ideias, de ensinamentos sadios, guiado pela compreensão, pode dizer ao homem negro as verdades que ele precisa saber, e, o que é mais doloroso, também as que ele precisa ouvir. Por falta de orientação, de guias, de educação, é que o negro vem de há muito percebendo, impossibilitado de se colocar na posição e na altura a que tem direito, não como negro, mas como homem. (GOES, “O Clarim da Alvorada”, 28 de setembro de 1940, p.4)

Entretanto, os leitores se apropriam de maneira diversa do texto escrito, dando sentidos múltiplos a sua interpretação.

O texto configura-se como tal na relação com o leitor. Neste sentido, o leitor não é passivo e a atividade de leitura não significa a transposição literal de conteúdos. “Supõe-se que assimilar significa necessariamente tornar-se semelhante àquilo que se absorve, e não torná-lo semelhante ao que se é, fazê-lo próprio, apropriar-se ou reapropriar-se dele”.(DE CERTEAU, 1994, p.261).

Partindo da premissa de que o ato de ler não é um processo passivo, menos portador de uma verdade que o da escrita, é possível pensar a leitura dos diversos artigos publicados neste

jornal não só como esforço para moldar condutas e pensamentos, mas também como lugar de construção de uma possibilidade de reconhecimento de que era possível aos negros almejavam outros espaços naquela sociedade.

Considerações finais

Diversas foram as ações dos negros na luta contra a opressão e pela sua inserção social. Finda a escravidão, e mesmo antes disso, eles lançaram mão de diversas estratégias na luta contra tudo aquilo que os oprimia e na recriação de uma possibilidade de vida mais autônoma e identitária. Nesta perspectiva, considera-se o jornal “O Clarim da Alvorada” como mais uma dessas estratégias.

Na apresentação desse material, o objetivo é chamar a atenção sobre a importância dessa fonte para o estudo do processo de educação dos negros no período pós-abolição e para a sua contribuição no alargamento das interpretações acerca das ações dessa população na história do Brasil em geral e em particular na história da educação.

Interpretar algumas ações de parte da população negra enquanto grupo e o uso da palavra escrita como estratégia de propagação das suas idéias, num período marcado pelas transformações republicanas e por um discurso recorrente dos órgãos públicos que associavam à população negra características pejorativas, foi um caminho para a construção de um projeto de igualdade. Afinal, no universo simbólico do republicanismo brasileiro das primeiras décadas do XX, o conceito de cidadania se materializa através da educação.

De outra maneira, o cotejamento das fontes possibilitou a identificação de uma ação de luta de alguns grupos de negros letrados, na perspectiva de promoverem uma afirmação social da população negra via educação.

Foi uma imprensa de protesto, de reivindicação e de educação. Lutou pela inserção do negro na sociedade e contra a discriminação racial. Atuou em várias frentes, sendo assim não pode ser compreendida apenas como um veículo de contestação ou simplesmente como uma imprensa *adicional*.

A valorização da educação era um aspecto comum nesta imprensa. Foram vários os artigos escritos que procuravam conscientizar o leitor da importância da educação para a melhoria da sua condição social e para a conquista de um lugar diferente na sociedade.

Alguns autores, como Clovis Moura e Roger Bastide, dentre outros, que estudaram a imprensa negra, evidenciaram e afirmaram que esses jornais tinham uma circulação restrita e

que eram dirigidos a uma elite negra letrada. Desta maneira ignoraram em suas análises outras possibilidades de acesso e leitura desses jornais. Antunes Cunha, militante negro que escreveu diversas matérias no jornal “O Clarim da Alvorada” explica que, a princípio, a circulação era restrita a um público letrado, fato depois superado, pois “junto a muitos desses reunia-se gente sem estudo para ouvir as notícias. Avó, pai sem leitura, comprava o jornal, para que os netos, os filhos lessem para eles”.(CUNHA apud GONÇALVES; SILVA, 2000). Assim, a leitura poderia ser ampliada para além dos segmentos alfabetizados. E a história da educação dos negros no início do século XX pode ser ampliada para além da escola.

Referências bibliográficas

BASTIDE, Roger. A imprensa negra do Estado de São Paulo. In: *Estudos Afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 129-156.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 259-273.

FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista 1915-1963*. 1981. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

GARCIA, Marinalda. *Os arcanos da cidadania: A Imprensa Negra paulistana nos primórdios do século XX*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira.; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 15, p. 134-158, set/out/dez. 2000.

MOURA Clóvis. A Imprensa negra em São Paulo. In: *Imprensa Negra*. Estudo crítico de Clóvis Moura. Legendas Miriam Nicolau Ferrara. São Paulo: Imprensa Oficial: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2002, Edição fac-similar.

PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. 1993. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

Fontes

O Clarim da Alvorada, São Paulo, fev. 1924 – set. 1940.

A imprensa negra em São Paulo 1918/1965: [exposição] 31 de maio a 26 de junho. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1977.